

MESTRE DICINHO

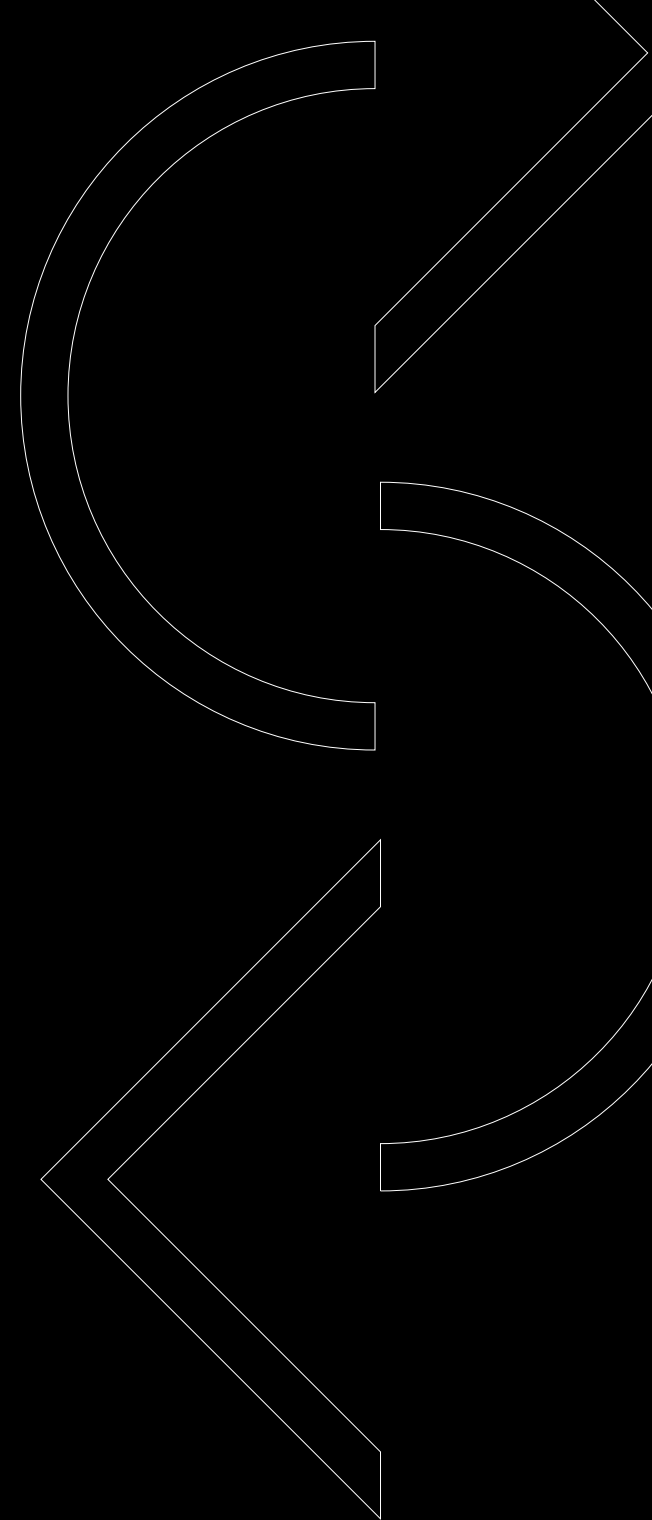
ESCULTÓRICO TROPICAL
ABSTRATO ANIMAL

26 ago – 21 out

sé galeria

al. lorena, 1257
vila modernista - casa 2
são paulo - sp
cep 01424-001

segaleria.com.br
info@segaleria.com.br
☒ / segaleria









Já fiz muitas coisas na vida,
mas a minha vocação mesmo
é a escultura. Minhas obras
são feitas com uma massa
que eu mesmo criei e muitas
vezes uso ferramentas que
também foram feitas por
mim. Eu acho que a arte é o
amor feito visível.

– MESTRE DICINHO

*I have done many things,
but my true calling is the
sculpture. I make my work
with a paste created by
myself, and I often use tools
made by me too. I think art is
love made visible.*









Adilson Costa Carvalho, o nosso querido Dicinho, nascido na cidade de Jequié, em 1945, atribui a sua herança artística a seu Vavá, seu pai, que era um genial inventor de objetos do cotidiano. É nas muitas habilidades paternas que o artista irá se inspirar para construir o seu amplo espectro artístico.

Dicinho se constitui um “mestre” da arte brasileira, mesmo que à margem do sistema. Com múltiplos talentos, ele passeia pelas diversas linguagens e expressões artísticas, guiado pelos ideais do movimento tropicalista.

Ele é um dos artistas seminais para se pensar a diversidade da arte contemporânea no Brasil. Dicinho é egresso do revolucionário “Grupo de Jequié”, um efervescente movimento cultural de jovens oriundos dessa cidade à margem do Rio de Contas, que balançou, a todo vapor, a tradicional sociedade baiana, nas décadas de 1960 e 1970. Waly e Jorge Salomão, Edinízio Primo, Rogério Duarte, Tuna Espinheira, Alba Liberato, eram, dentre outros, nomes que faziam parte dessa patota.

Dentre tantas contribuições do artista, está a expansão dos limites entre escultura e pintura. Ao articular o tridimensional com a construção de padrões visuais obsessivamente psicodélicos, ele produz uma fusão visual profundamente singular na arte brasileira. Dicinho pinta esculpindo e esculpe pintando.

Não podemos pensar na obra do artista de Jequié, sem levar em consideração a inserção dos movimentos artísticos experimentais no contexto da ditadura civil-militar brasileira. Seu trabalho é proveniente de uma rasura libertária radical nos anos de chumbo. Inspirado por ideais anarquistas e práticas psicodélicas, ele colabora para construção da cosmo percepção da contracultura brasileira: o tropicalismo.

O artista sempre foi engajado nas lutas contra toda forma de autoritarismo, afirmando-se como militante da diversidade e da defesa da natureza. A opção por temas ecológicos é evidenciada na sua poética visual sobre os animais. Para Dicinho, a natureza é um corpo vivo, onde os seres humanos devem estar integrados. O equilíbrio ecológico passa pela mudança radical da relação predatória dos seres humanos frente ao mundo natural. Os animais de Dicinho guardam significados quase xamânicos. Seus padrões lembram pinturas corporais indígenas, que servem como emblemas contra o racionalismo destrutivo. Podemos pensar que os bichos estão pintados como metáfora de afirmação da vida. A escultura é um corpo em conexão com mundos complexos e

sua superfície exibe aura. Não é necessário dizer que a sua obra está na contramão da racionalidade cartesiana. Dicinho faz arte ritual.

Apresentado ao mundo das artes pelas mãos de dona Lina Bo Bardi, Dicinho transitou por diversas formas de expressão criativa. Seu nome assina a respeitadíssima capa psicodélica do álbum de Gal Costa, 1969. Com Edinízio Primo, ele estabelece uma das mais profícuas parcerias do tropicalismo. Fez roupas, acessórios e contribuiu com a estética do desbunde da antológica boutique Dromedário Elegante. Ele também colaborou com as rupturas estéticas do teatro Oficina, junto com seu amigo Zé Celso.

Uma das suas invenções é a massa “copageti”, uma mistura de polpa de papel com gesso e cola que dá vida a inusitadas esculturas e relevos. Também criou uma infinidade de pinceis, carimbos e instrumentos para a realização das suas obras. É uma aventura surpreendente visitar o seu atelier, em Salvador, e adentrar o seu delirante processo de criação.

Nas artes gráficas, Dicinho contribuiu para o design de vanguarda de importantes publicações como Flor do Mal, Verbo Encantado, Jornal da Tarde além de capas de livros e discos.

A dimensão performática de Dicinho fora reconhecida pelo casal Bo Bardi. Entre as suas performances, destaca-se a obra “Aparições”, apresentada no vão livre do MASP, em 1972. Mas a sua própria indumentária cotidiana, à época, já era uma intervenção à parte, causando impacto e estranhamento na provinciana sociedade brasileira das décadas de 1960 e 1970. Dicinho abalou o tradicionalismo e a caretice, mandando o passado para o inferno.

Essa exposição tem como objetivo apresentar a produção contemporânea desse artista luminoso e curar a sua injustificada ausência no mundo da arte. Minucioso e sofisticado, ele venceu a ansiedade da margem; de não estar na centralidade do sistema. Venceu essa ansiedade com a macrobiótica, onde tudo é preparado e cozido muito lentamente. Vamos nos alimentar da sua poesia visual como uma transformação homeostática.

Vamos comer Dicinho.

Ayrson Heráclito

professor, artista e curador

Adilson Costa Carvalho, our dear Dicinho, born in the city of Jequié in 1945, attributes his artistic heritage to Vavá, his father, who was a genius inventor of everyday objects. It is in his father's many skills that the artist seeks inspiration to build his broad artistic spectrum.

Dicinho becomes a "master" of Brazilian art, even if on the margins of the system. With multiple talents, he moves through different languages and artistic expressions, guided by the ideals of the tropicalist movement.

He is one of the seminal artists who represent the diversity of contemporary art in Brazil. Dicinho is a member of the revolutionary "Grupo de Jequié", an effervescent cultural movement led by young people from Jequié, on the banks of Rio de Contas, that took traditional society in Bahia the 1960s and 1970s by storm. Waly and Jorge Salomão, Edinízio Primo, Rogério Duarte, Tuna Espinheira and Alba Liberato were among the group's participants.

The expansion of the boundaries between sculpture and painting is among the artist's many contributions. By articulating the three-dimensional with the construction of obsessively psychedelic visual patterns, he produces a visual fusion that is profoundly unique in Brazilian art. Dicinho paints by sculpting and sculpts by painting.

It is not possible to think about the work of the artist from Jequié without considering experimental artistic movements within the context of the Brazilian civic-military dictatorship. His work emerges from a radical libertarian impulse in the years of lead. Inspired by anarchist ideals and psychedelic practices, he contributes to the construction of the cosmoperception of Brazilian counterculture: tropicalism.

The artist has always been engaged in struggles against all forms of authoritarianism, asserting himself as a militant of diversity and the protection of nature. The choice of ecological themes is evidenced in his visual poetics about animals. For Dicinho, nature is a living body, where human beings must be integrated. The ecological balance involves a radical change in the predatory relationship between human beings and the natural world. Dicinho's animals have meanings that are almost shamanic. His patterns resemble indigenous body painting, which serve as emblems against destructive rationalism. We might think that the animals are painted as a life-affirming metaphor. Sculpture is a body in connection with complex worlds and its surface exhibits aura. It goes without saying that his work goes against the grain of Cartesian rationality. Dicinho makes ritual art.

Introduced to the art world by Lina Bo Bardi, Dicinho transited through different forms of creative expression. He signs the highly respected psychedelic cover of Gal Costa's 1969 album. With Edinízio Primo, he establishes one of the most fruitful partnerships in tropicalism. He made clothes, accessories and contributed to the aesthetics of the anthological boutique Dromedário Elegante. He also collaborated with the aesthetic ruptures of Teatro Oficina, together with his friend Zé Celso.

One of his inventions is the "copageti" paste, a mixture of paper pulp, plaster and glue that gives life to unusual sculptures and reliefs. He also created an infinity of brushes, stamps and instruments for the crafting of his works. Visiting his atelier in Salvador and entering his delirious creative process is a surprising adventure.

In graphic arts, Dicinho contributed to the avant-garde design of important publications such as Flor do Mal, Verbo Encantado, Jornal da Tarde, as well as book and record covers.

Dicinho's performance dimension was recognized by the Bo Bardi couple. Among his performances, the work "Aparições", exhibited at MASP's ground-level plaza in 1972, stands out. But his own everyday clothing, at the time, already worked as an intervention, causing a sense of strangeness in the provincial Brazilian society of the 1960s and 1970s. Dicinho challenged traditionalism and squareness, firmly leaving the past behind.

This exhibition at Sé aims to present the contemporary production of this luminous artist and heal his unjustified absence from the art world. Meticulous and sophisticated, he overcame the anxiety of being on the margins; of not being at the core of the system. He overcame this anxiety with macrobiotics, where everything is prepared and cooked very slowly. Let's feed on his visual poetry as a homeostatic transformation.

Let's eat Dicinho.

Ayrson Heráclito
professor, artist and curator



As esculturas de Mestre Dicinho impressionam pelo humor e a leveza. A estética psicodélica é notável no detalhado acabamento pictórico sobre a superfície das obras, que são feitas utilizando a massa Copageti e ferramentas também criadas por ele. A arquiteta Lina Bo Bardi foi uma grande admiradora de seu trabalho, especialmente, de seus bichos escultóricos. Ela curou a exposição individual Dicinho: Animais, no Sesc Pompeia, em 1983.

Mestre Dicinho's sculptures impress with their humor and lightness. The psychedelic aesthetic is notable in the detailed pictorial finish on the surface of the works made using Copageti paste and tools also created by him. Architect Lina Bo Bardi admired his work, especially his sculptural animals. She curated the solo show Dicinho: Animais at Sesc Pompeia in 1983.



Mestre Dcinho
Galo, 2016
DC009

Massa Copageti
88 x 82 x 40 cm







Mestre Dcinho
Cachorro, 2019
DC001

Massa Copageti
50 x 73 x 15 cm



Um belo exemplo da estética psicodelia de Mestre Dicinho é a escultura Cachorro (2019). A peça, que parece saída de um filme de animação dos Beatles, apresenta um divertido cão de “pele” verde texturizada, com rabo e pescoço espiralados e patinhas curvas que simulam com perfeição o passo do bicho.

A highlight in Dicinho's psychedelic aesthetic is the sculpture Cachorro [Dog] (2019). The piece looks like it came out of a Beatles animation. It is a fun dog with textured green “skin” with spiral tail and neck, and curved paws that perfectly simulate the animal's step.





Mestre Dcinho
Tatu, 2018
DC003

Massa Copageti
27 x 87 x 21 cm







Mestre Dcinho
Gato, 2018
DC008

Massa Copageti
53 x 65 x 18 cm

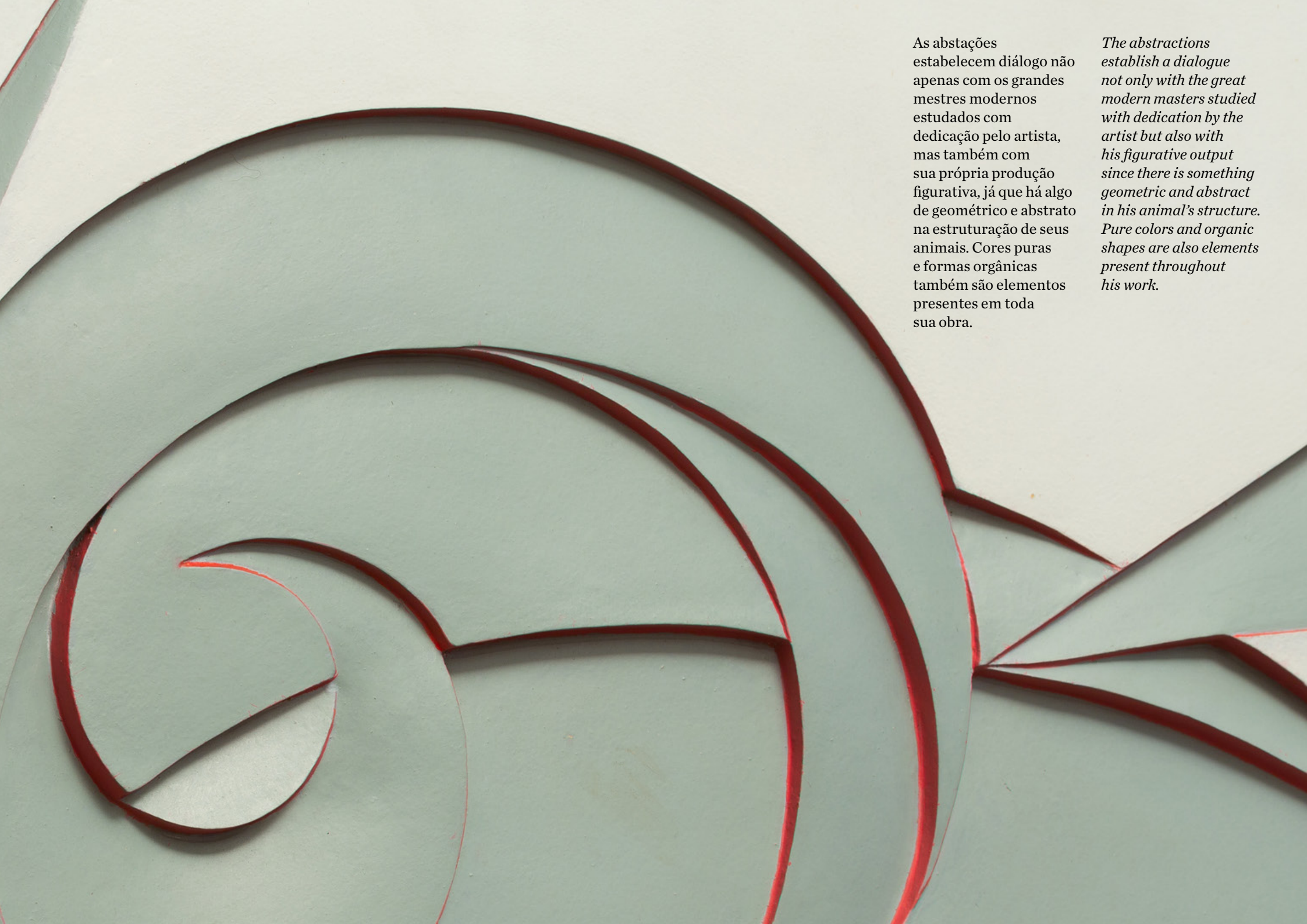






Mestre Dcinho
O Corvo, 1998
DC016

Massa Copageti
73 x 97 x 2.5 cm



As abstrações estabelecem diálogo não apenas com os grandes mestres modernos estudados com dedicação pelo artista, mas também com sua própria produção figurativa, já que há algo de geométrico e abstrato na estruturação de seus animais. Cores puras e formas orgânicas também são elementos presentes em toda sua obra.

The abstractions establish a dialogue not only with the great modern masters studied with dedication by the artist but also with his figurative output since there is something geometric and abstract in his animal's structure. Pure colors and organic shapes are also elements present throughout his work.



Mestre Dcinho
Cangara, 2000
DC021

Massa Copageti
68 x 52 x 2.5 cm









Mestre Dcinho

Coruja, 2020

DC007

Quadro Tridimensional, Massa

Copageti

74 x 48 x 10 cm







Mestre Dcinho
Abstração vermelha,
DC033

Copageti
48 x 25 x 12 cm







Mestre Dcinho
Cavalo, 2017
DC004

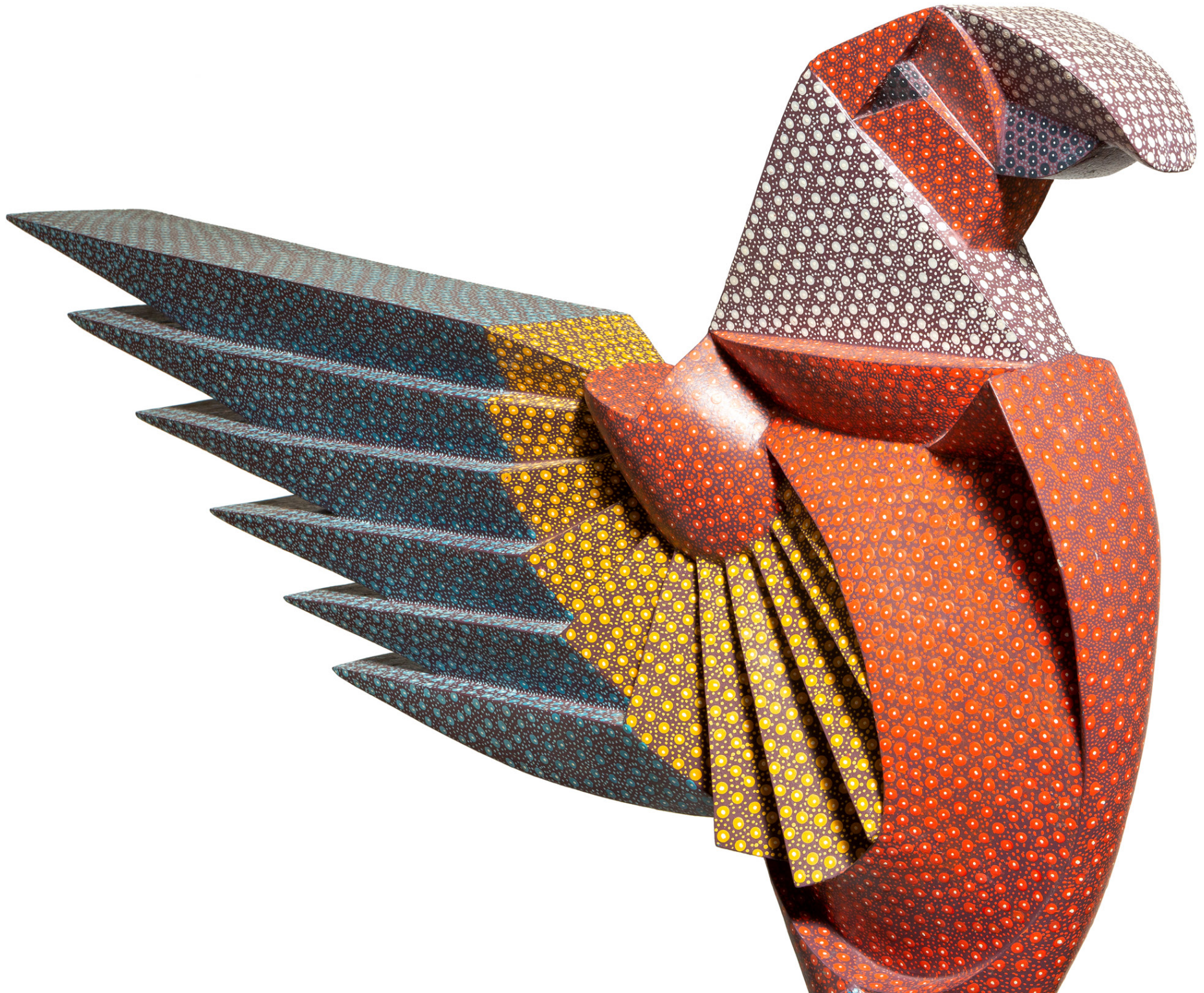
Massa Copageti
130 x 84 x 13 cm





Mestre Dcinho
Arara, 2015
DC002

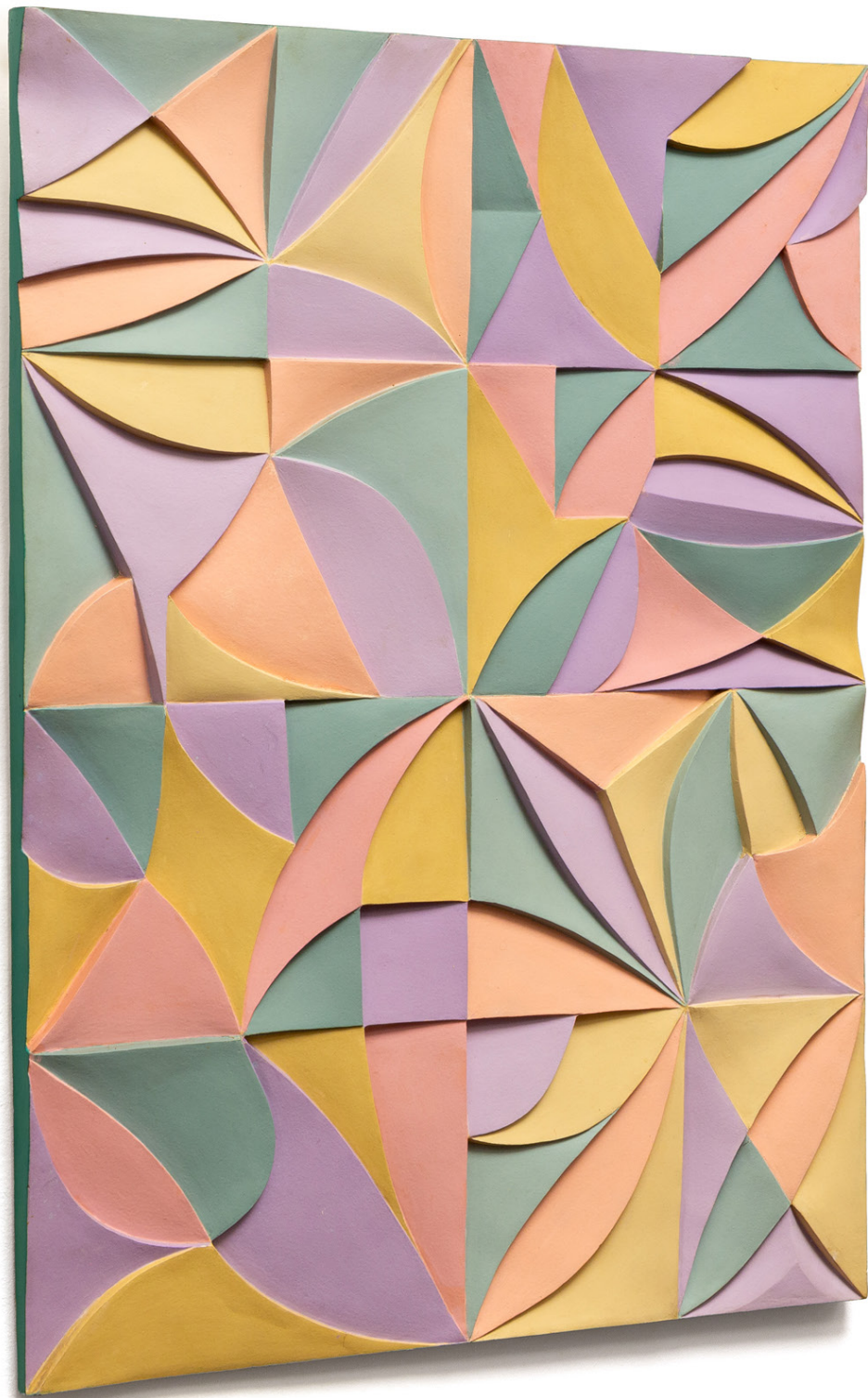
Massa Copageti
156 x 93 x 66 cm

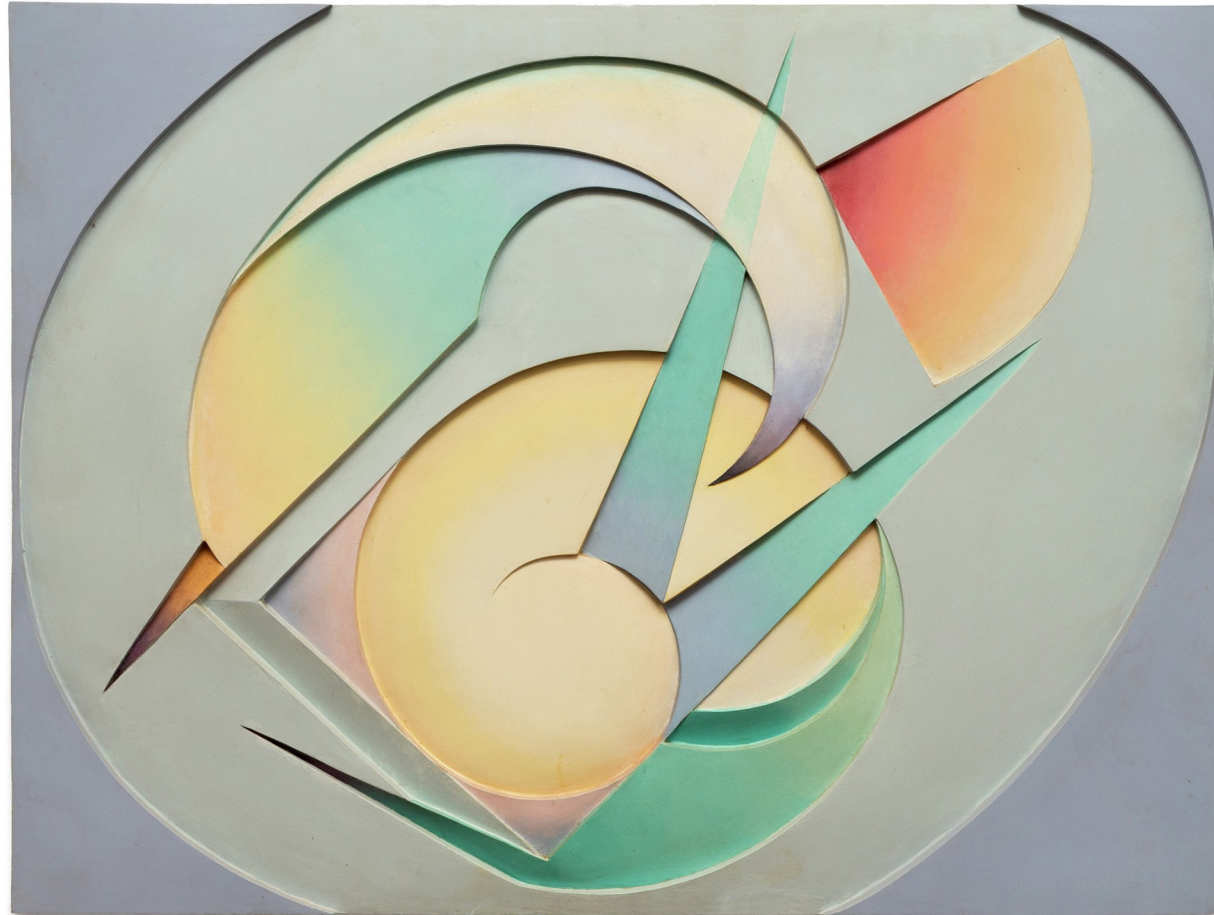


Mestre Dcinho
Abstração I, 2002
DC018

Massa Copageti
91 x 68 x 2.5 cm







Mestre Dcinho
Relógio n.1,
DC034

Copageti
76 x 88 x 2.5 cm





Mestre Dcinho
1618, 2002
DC020

Massa Copageti
57 x 94 x 2.5 cm



OUTRAS OBRAS
OTHER WORKS

O baobá é uma árvore que nasce em regiões tropicais áridas e semiáridas e é um dos símbolos das culturas africanas tradicionais, sendo também chamado de Árvore da Vida. Os poucos exemplares que existem no Brasil foram trazidos por sacerdotes africanos e plantados em locais de culto. No candomblé, ela é considerada uma planta sagrada que nunca deve ser cortada ou arrancada.

The baobab is a tree that grows in arid and semi-arid tropical regions. It is one of the symbols of traditional African cultures called the Tree of Life. The few specimens found in Brazil were brought by African priests and planted in places of worship. In candomblé, it is considered a sacred plant that should never be cut or uprooted.



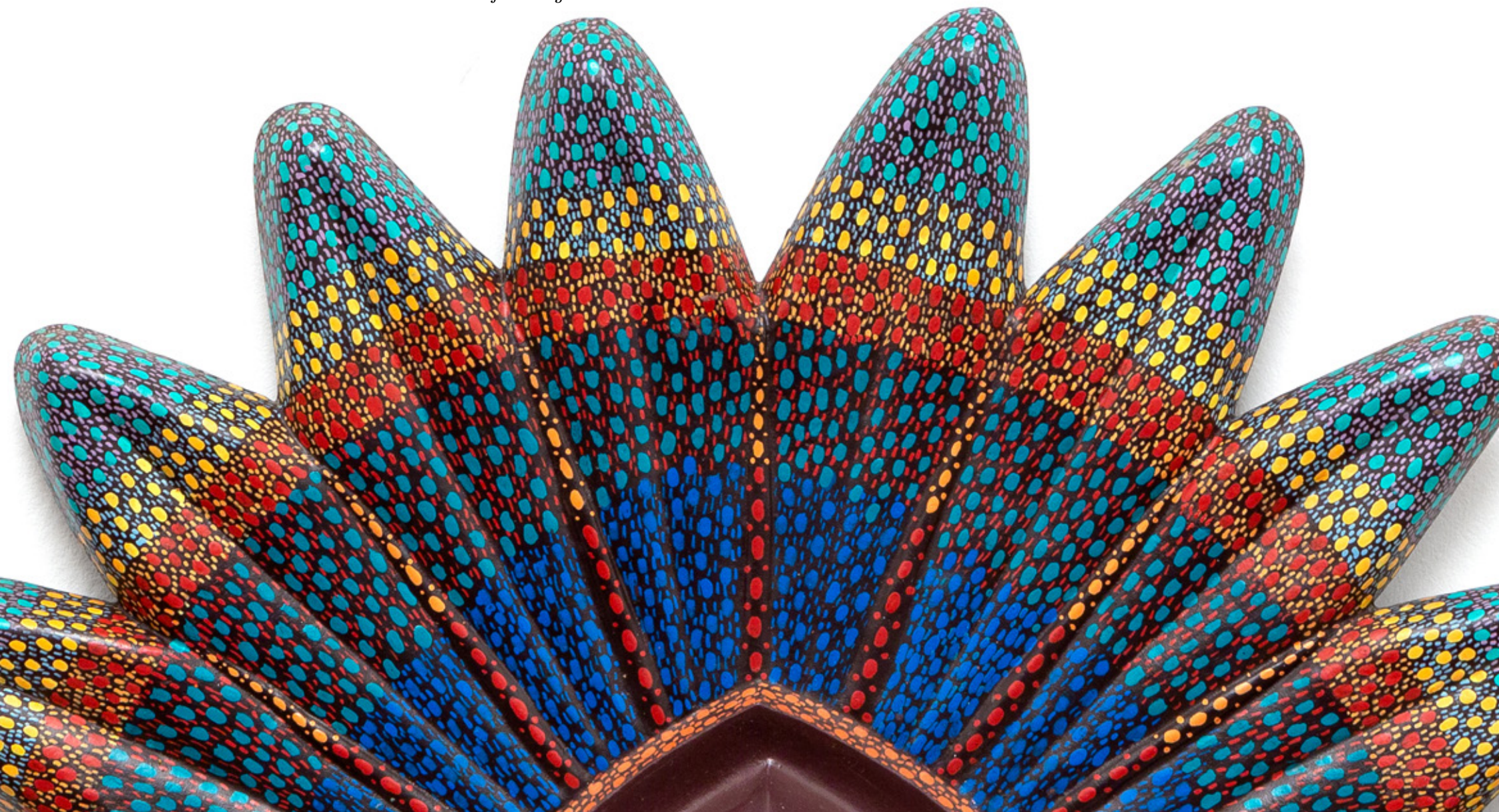


Mestre Dcinho
Árvore,
DC032

Copageti
56 x 60 x 60 cm

Nesta série de máscaras, Mestre Dicinho retrata culturas e etnias importantes na formação do Nordeste: indígena, africana e o povo sertanejo, representado pela figura do cangaceiro.

In this series of masks, Mestre Dicinho portrays important cultures and ethnicities in the formation of the Brazilian Northeast: indigenous, African, and the sertanejo people, represented by the figure of the cangaceiro.





Mestre Dcinho
Índio, 2000
DC012

Massa Copageti
52 x 52 x 8 cm



Mestre Dcinho
Cangaceiro, 2000
DC015

Massa Copageti
50 x 40 x 4 cm



Mestre Dcinho
Baiana, 2000
DC014

Massa Copageti
70 x 28 x 5 cm







Mestre Dcinho
África, 2000
DC013

Massa Copageti
Dimensões variáveis



Mestre Dcinho
Girafa, 2018
DC005

Massa Copageti
60 x 56 x 13 cm







Mestre Dcinho
Iemanjá,
DC035

Copageti
36 x 44 x 7 cm



Mestre Dcinho
Pescadores, 2021
DC026

Tinta acrílica sobre papel
31 x 43 cm

Capa do disco
Gal Costa, Gal, Phillips,
1969

No meio da faixa “Meu nome é Gal”, composta por Roberto e Erasmo Carlos, Gal faz um discurso citando as pessoas que admira. A lista inclui, dentre outros, Caetano, Gil, Macalé, Waly, Jorge Ben, Rogério Sganzerla, “Dircinho” (sic) e “o pessoal da pesada”.

In the middle of the track “Meu nome é Gal”, composed by Roberto and Erasmo Carlos, Gal makes a speech naming the people she admires. The list includes, among others, Caetano, Gil, Macalé, Waly, Jorge Ben, Rogério Sganzerla, “Dircinho” (sic) and “the heavy gang”.

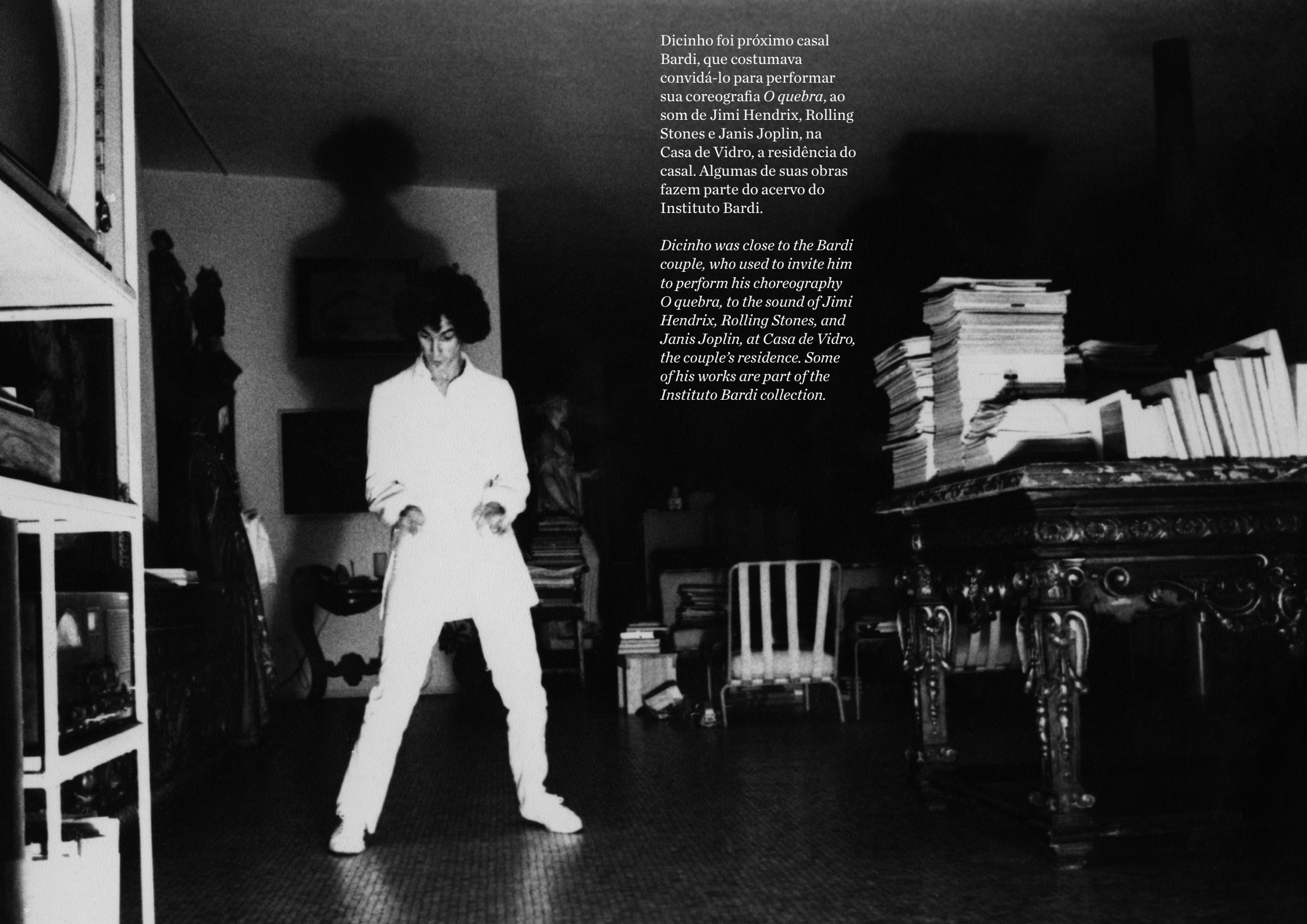




Capa do disco de Moraes Moreira, **Cara e Coração**, Som livre, 1977



Capa do disco de Raposa Velha, **Raposas Velhas**, 1981



Dicinho foi próximo casal Bardi, que costumava convidá-lo para performar sua coreografia *O quebra*, ao som de Jimi Hendrix, Rolling Stones e Janis Joplin, na Casa de Vidro, a residência do casal. Algumas de suas obras fazem parte do acervo do Instituto Bardi.

*Dicinho was close to the Bardi couple, who used to invite him to perform his choreography *O quebra*, to the sound of Jimi Hendrix, Rolling Stones, and Janis Joplin, at Casa de Vidro, the couple's residence. Some of his works are part of the Instituto Bardi collection.*



Mestre Dicinho dançando
O Quebra na Casa de Vidro na
década de 1970.
Fotos: Hélio Hirsch

Mestre Dicinho dancing
O Quebra at Casa de Vidro
in the 1970s.
Photos: Hélio Hirsch









Mestre Dicinho (Jequié, Bahia, 1945) vive e trabalha em Salvador.

Adilson Costa Carvalho, o Mestre Dicinho, é um dos protagonistas da grande revolução cultural da Tropicália, movimento que inovou o panorama artístico brasileiro com a fusão de tradição, vanguarda e cultura pop. A produção visual do artista, extensa e diversa, atravessa pintura, ilustração, escultura, cenografia, figurino e performance. Destacam-se, contudo, as chamadas “esculto pinturas”, esculturas feitas em uma massa, a Copageti (acrônimo para cola, papel, gesso e tinta), desenvolvida por ele em anos de pesquisa. Posteriormente pintadas, as peças revelam uma estética associada à tropicalidade e à psicodelia, apresentando temáticas distintas que vão de representações figurativas de animas e humanos a elementos da cultura popular e abstrações geométricas. Com mais de 50 anos de produção, Dicinho possui uma poética visual singular, sendo um artista auto-exilado em seu ateliê na cidade de Salvador, mas que segue ativo, produzindo novos trabalhos e vendo sua obra ser redescoberta.

Nas décadas de 1970 e 1980, trabalhou com figuras de vulto da cultura brasileira, como Lina Bo Bardi, Rogério Duarte, Edinízio Primo, Waly Salomão, Gilberto Gil, Gal Costa, Jards Macalé e José Celso Martinez Corrêa. Participou de exposições nacionais e internacionais, com destaque para a mostra individual Dicinho - Animais, curada por Lina Bo Bardi (Sesc Pompéia, São Paulo, 1983). Sua obra foi revisitada na exposição A todo vapor, durante a III Bienal da Bahia, curada por Ayrson Heráclito (Salvador, 2014) e integrou as coletivas Histórias afro-atlânticas, curada por Adriano Pedrosa, Ayrson Heráclito, Hélio Menezes, Lilia Moritz Schwarcz e Tomás Toledo (Museu de Arte de São Paulo, 2018); Home Stories: 100 Years, 20 Visionary Interiors (Vitra Design Museum, Weil am Rhein, Alemanha, 2020) e A parábola do progresso, curada por Lisette Lagnado, André Pitol e Yudi Rafael (Sesc Pompeia, São Paulo, 2022-2023). Os trabalhos de Dicinho estão presentes nos acervos do Instituto Bardi, do Museu de Arte Moderna da Bahia e do Instituto Inhotim.

Dicinho (Jequié, Bahia, 1945) lives and works in Salvador. Adilson Costa Carvalho, Mestre Dicinho, is one of the protagonists of the great cultural revolution of Tropicália. The movement innovated Brazilian artistic panorama with the fusion of tradition, avant-garde, and pop culture. The artist's visual production, extensive and diverse, includes painting, illustration, sculpture, scenography, costume design, and performance. Of note, however, are the so-called “sculpture paintings” made of a paste, the COPAGETI (an acronym in Portuguese for glue, paper, plaster, and paint), developed by him in years of research. Later painted, the pieces reveal an aesthetic associated with tropicality and psychedelia, presenting different themes ranging from figurative depictions of animals and humans to elements of popular culture and geometric abstractions. With over 50 years of production, Dicinho has unique visual poetics. He is a self-exiled artist in his studio in Salvador, but he remains active, producing new works and seeing his work rediscovered.

Between the 1960s and 1980s, he worked with important figures in the Brazilian cultural scene, such as Lina Bo Bardi, Rogério Duarte, Edinízio Primo, Waly Salomão, Gilberto Gil, Gal Costa, Jards Macalé and José Celso Martinez Corrêa. He has participated in national and international exhibitions, highlighting the solo show Dicinho-Animais, curated by Lina Bo Bardi (Sesc Pompéia, São Paulo, 1983). His work was revisited in the show A todo vapor during the III Bienal da Bahia, curated by Ayrson Heráclito (Salvador, 2014), and was part of the group shows Histórias afro-atlânticas, curated by Adriano Pedrosa, Ayrson Heráclito, Hélio Menezes, Lilia Moritz Schwarcz and Tomás Toledo (Art Museum of São Paulo, 2018); Home Stories: 100 Years, 20 Visionary Interiors (Vitra Design Museum, Weil am Rhein, Germany, 2020) and A parábola do progresso, curated by Lisette Lagnado, André Pitol and Yudi Rafael (Sesc Pompeia, São Paulo, 2022-2023). Dicinho's works are in the collections of the Instituto Bardi, the Museu de Arte Moderna da Bahia, and the Instituto Inhotim.

Artistas Representados

Represented Artists

Brisa Noronha

Carlos Issa

Dalton Paula

davi de jesus do nascimento

Davi Rodrigues

Deco Adjiman

Denise Alves-Rodrigues

Edu de Barros

Gui Teixeira

João Loureiro

Manata Laudares

Maria Montero

Mestre Dicinho

Michel Zózimo

Pontogor

Rebecca Sharp